SOBRE CORDEIROS, NAVALHAS E DENTES-DE-LEÃO

E OUTRAS PEÇAS

ANDRÉ LUIS SILVA

Copyright © 2023, Be Bold Books

Edição, Revisão, Capa

Lucas Morassi da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, André Luís

Sobre cordeiros, navalhas e dentes-de-leão e outras peças /André Luís Silva. -- 1. ed. -- Águas de Santa Bárbara, SP : Be Bold Books, 2023.

ISBN 978-65-980485-0-1

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Teatro brasileiro I. Título.

23-159613 CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Peças teatrais : Literatura brasileira B869.2

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora, poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados.

@beboldbooks
Avenida José Costa, 1600 - ASB-SP 18770-000
editora.beboldbooks@gmail.com

SUMÁRIO

PALAVRAS DO AUTOR 5

ESCAVADORES
Ato Único 10

SOBRE CORDEIROS, NAVALHAS E DENTES-DE-LEÃO
Ato I 24
Ato II 62

DOMINIC (-QUE)
1º Movimento - Sobre o que dizemos 88
2º Movimento - O ornitorrinco 93
3º Movimento - Quebrando ovos 108
4º Movimento - Dia um 122
5º Movimento - Dominique 137

VERSO -
ODE AO AMOR DISTANTE
Ato Único 144

UM HOMEM NÃO É UMA LARANJA -
UM CANTO PARA OITO SUICIDAS
EM DOIS ATOS E UM RÉQUIEM
Ato I 166
Ato II 214

SAFEWORD
Ato Único 256

PALAVRAS DO AUTOR

O que uma operação de resgate em uma realidade pós-apocalíptica empreendida por dois sujeitos comuns, o amor entre gêmeos siameses e um estranho jantar em família regado a álcool, humor ácido e decepções possuem em comum? Possivelmente, nada. Ou, como diria meu editor, uma mente atormentada com tempo livre para voar. Ele está errado? Não. Mas gosto de acreditar que a resposta para essa pergunta, que mais parece o começo de uma piada absurda, esteja relacionada aos primeiros passos de um dramaturgo sobre o tablado.

São histórias que repercutem minhas primeiras lições, lições apaixonadas, que creio ter aprendido entre a boca de cena e o pano de fundo, guiado por verdadeiros mestres e eternos amigos. Um compilado com seis peças que refletem aqueles sussurros e risos abafados nas coxias, as lágrimas irreprimíveis na cabine de operações, e, ou, as marcas dos cafés, nem sempre bons, nos camarins.

Seis peças introdutórias, seis explorações expostas em ordem cronológica para que, caso desejem, consigam perceber, não apenas a maneira como cada uma delas pavimentou o caminho da outra, mas também como, de formas diferentes, moldaram a minha própria humanidade. Sim, nesse ir e vir dialógico criativo, elas são tão "eu" quanto eu sou delas.

Por isso que, ao olhar para trás agora, ao relê-las para essa edição, ainda que tenha me ocorrido a vontade quase obsessiva de aprimorá-las, consegui segurar as rédeas da autocrítica e me permiti um bocado de ternura. Entendi que, em alguma medida, representam registros de momentos e situações tão caras para mim que, ao invés de editá-las, o que preciso mesmo é celebrá-las, compartilhá-las, fazer com que cheguem longe e nos conectem.

Pois é. Peças conectam pessoas. Em uma perspectiva pragmática, digamos, durante uma montagem, costumam envolver um catatau

de gente, criaturas mais ou menos certas do juízo, que, sem exageros, entregam suor e lágrimas para fazer tudo acontecer. Como sei disso? É possível que tenha sido (ou ainda seja) uma dessas pessoas. Bem, isso dependerá de quando lerão essa introdução, mas, convenhamos, não vem ao caso.

O importante aqui é que, embora, em muitas montagens (certamente que não em todas) o texto seja a pedra angular, para mim, é igualmente verdadeiro que, intimamente, ele seja aquela provocação que requer, que exige, que estimula a ousadia e a coragem do trabalho coletivo. Em cena, ele vira música, vira dança, ganha ainda mais plasticidade e força para romper a escuridão aconchegante da plateia, cavalgar nossos olhos e ouvidos e, se bem-sucedido, arrebatar nossos corações.

Em cena, creio eu, ele nos revela que é, inegavelmente, o combustível da arte do encontro.

Mas é claro que não apenas de palco, da sala de ensaio e do trabalho de mesa vivem os textos. Eu, por exemplo, já perdi as contas de quantas vezes me diverti e me emocionei, no silêncio de meu quarto, no meio da tarde ou em plena madrugada, com uma obra de Nelson Rodrigues, Edward Albee, William Shakespeare, Michel Tremblay, Yasmina Reza, Anton Tchekhov, para citar bem poucos.

Em ocasiões assim, penso que o texto cumpre, exatamente, o mesmo papel, só que de forma diferente. Ele se transforma em confidente e, a medida que nos permite animar, na intimidade, os fantoches de Blanche DuBois, Khlestakov, Nora, abre as comportas de nossas almas, e, nem que seja apenas pelo breve instante da leitura/encenação privada, nos libera de muitas pressões. Orestes, de uma hora para outra, escrutinado à luz de um abajur, parece saber mais sobre a gente do que a gente mesmo, e, sem medo, reafirma, sob os trovões da catarse, que nossas diferenças (que lastreiam a belíssima diversidade) não anulam esse senso intuitivo de pertencimento à unidade.

A propósito, esta é a razão de ser deste livro: entregar a vocês situações em que, virtualmente, possamos interagir e nos reconhecer através dos dramas vividos por estes personagens. E pouco importa que o intuito inicial, aquele que os conduziu a essas páginas, tenha sido fazer com que as peças se transformassem em representações futuras, encarnadas por profissionais ou amadores; ou apenas que fossem cúmplices de aventuras cotidianas vivenciadas no metrô a caminho de casa, ou do trabalho. O essencial mesmo é que sigamos juntos, sem ressalvas e na esperança (minha) de que alguma dessas histórias (ou a maioria delas, ou todas elas) vibre aí do outro lado também.

E aqui estão elas, as seis, do jeitinho que as imaginei.

A primeira delas é Escavadores, uma brevíssima, porém intensa aventura, ganhadora do prêmio nacional Jovens Dramaturgos, promovido pela Incubadora Cultural da Escola Sesc/RJ em 2013. Nesta oportunidade, além de ter sido impressa em uma belíssima edição, com prefácio da diretora teatral Patrícia Zampirolli e que reunia obras de outros queridos colegas, a peça foi contemplada com uma série de leituras dramáticas em escolas públicas do Rio de Janeiro. Pela primeira vez, então, em minha trajetória, pude encontrar o público e colher suas impressões.

Em 2015, o texto virou montagem em Salvador. Foi dirigido pelo talentosíssimo João Saraiva e contou comigo e com o gigante Harildo Déda nos papéis do Primeiro e Segundo Escavador respectivamente. A montagem participou do FIAC - Festival Internacional de Artes Cênicas, na edição de 2015 e foi indicada na categoria Melhor Texto pelo Prêmio Braskem de Teatro (também em 2015).

A peça seguinte, Sobre Cordeiros, Navalhas e Dentes de Leão, assim como Escavadores, participou de um concurso nacional, desta vez, promovido pelo CCBB - Centro Cultural do Banco do Brasil em 2015. Classificada, ganhou, neste mesmo ano, leituras

dramáticas em Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Ela retrata um caótico jantar em família, do qual, indiretamente, somos os convidados de honra, cujo menu inclui doses cavalares de cinismo e a exposição de segredos dolorosos.

Na sequência, quatro peças, igualmente variadas em estilo que, embora tenham sido lidas e revisadas por colegas ao longo dos anos, rompem, por meio desta edição, seu ineditismo. São elas, Dominic(-que), Verso - Ode ao Amor Distante, Um Homem Não é Uma Laranja, e Safeword.

Desta vez, a questão identitária, que tangencia aspectos de gênero, funções sociais e afirmações individuais através da negação do outro, ganha destaque em enredos nem sempre muito evidentes, mas contundentes e, por vezes, desesperadores. Entre outras coisas, apresentarei a vocês, tanto uma trajetória lírica que sugere o paradoxo da distância e suas implicações absurdas na intimidade entre sujeitos, quanto uma epidemia de suicídios que denuncia a crueldade do assujeitamento familiar cotidiano.

Espero que estejam ansiosos para virar a página e descobrir cada uma das emoções que tentei cultivar entre os diálogos e rubricas. Que a viagem possa ser, de alguma forma, impactante, mesmo que nem sempre tão agradável.

Boa leitura.

Montreal, 24 de março de 2023.

ESCAVADORES

PERSONAGENS

PRIMEIRO ESCAVADOR
SEGUNDO ESCAVADOR

ATO ÚNICO

O palco deverá estar coberto de lixo e entulhos. Aqui e acolá, pequenos montes de pneus, escombros, jornais. No centro, deverá estar um enorme buraco escavado no lixo. Os dois escavadores trabalham.

PRIMEIRO ESCAVADOR – O que vê?

SEGUNDO ESCAVADOR – São apenas alguns traços... Não sei ao certo.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Escave mais, vamos. Deve ter alguém aí embaixo.

SEGUNDO ESCAVADOR – E se não tiver?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Teremos tentado, ainda assim...

SEGUNDO ESCAVADOR – *(Vai até o buraco.)* Tem alguém aí?

PRIMEIRO ESCAVADOR – *(Aproxima-se do buraco.)* Ouviu? Tem alguém sim. Continue com a pá. Eu afastarei o entulho.

SEGUNDO ESCAVADOR – Farei, farei... Mas não se anime muito. Já se vão quarenta dias. Ninguém resiste tanto tempo. Olhe, todos foram embora, desistiram. Não há mais esperança... O que você ouviu foi o eco de nossas vozes. Ouviu a nós mesmos, isso sim. Nós mesmos de lá debaixo.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Então cave, nem que seja para nos tirar de lá! Vamos, meu amigo, enquanto ainda há luz.

SEGUNDO ESCAVADOR – É perigoso. Aqui o terreno é incerto... Se acertarmos a base, cairemos, tenho certeza.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Depois virão nos salvar.

SEGUNDO ESCAVADOR – Ora, mais que diabo! Não quero que me salvem. Não preciso cair, não mesmo. Por que me cobra assim...? Fique sabendo que não sou herói.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Não preciso de um herói agora. Preciso de você. *(Silêncio.)*

SEGUNDO ESCAVADOR – Quem foi que lhe disse que havia alguém aí?

PRIMEIRO ESCAVADOR – A mãe. Precisava ver. Estava catatônica e eu, bem, eu prometi...

SEGUNDO ESCAVADOR – Você prometeu! Aí está. E mais essa agora. Morrerei tossindo mais do que um tuberculoso por conta de suas malditas promessas. Os filhos da puta mandaram suspender a operação, arrancaram as máscaras e, nem assim, você se deu por satisfeito. Olha pra mim! Todo melado de lama. *(Pausa.)* Parece até que é filho seu.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Podia ser. Não, não é. Mas podia... Acaso não se sente assim?

SEGUNDO ESCAVADOR – Assim como?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Responsável, de alguma forma, pela vida dos outros. Não me entenda mal. Minha mãe diz que sou muito sentimental para essas coisas, mas é que dói lá dentro quando alguém morre.

SEGUNDO ESCAVADOR – Quando morre alguém especial?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Um alguém qualquer. É como se morresse também um pedaço em mim. Às vezes, penso que cada átomo do meu corpo corresponde a uma vida na Terra. E que tudo o que diz respeito às outras pessoas também me diz respeito. Como se fôssemos ligados, costurados como uma colcha de retalhos.

SEGUNDO ESCAVADOR – Você é maluco se acha que pode dar conta do mundo. Puxa! Sabe quantas pessoas morrem todos os dias e quantas nascem? É muita responsabilidade para uma pessoa só!

PRIMEIRO ESCAVADOR – Aqui, já somos dois...

SEGUNDO ESCAVADOR – Moleque, aguenta aí. Estamos chegando.

Cavam com mais força.

PRIMEIRO ESCAVADOR – O que é isso aí? (*Aponta para um pedaço de pano metido entre os escombros.)*

SEGUNDO ESCAVADOR – Espera. Ah! Uma calça e... *(Vasculha os bolsos da calça.)* Bem, uma carteira também. Que merda. Está vazia... só papel, nenhum dinheiro!

PRIMEIRO ESCAVADOR – Tem um documento e foto, veja.

Um tipo comum. Não dá para ler o nome, a água estragou... Mas há um número.

SEGUNDO ESCAVADOR – De que adianta um nome ou um número? Para este sujeito, que nunca conheceremos, está tudo perdido. Já não existe mais.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Calma. Ainda temos uma lembrança dele: a foto. Não basta? E então, o que acha desta cara risonha? Terá sido feliz?

SEGUNDO ESCAVADOR – Nestes dias, alguém pode dizer que foi ou que é? Não. Todo este sorriso... Canastrão. Só posou para a foto. Veja os olhos e as pálpebras aqui na esquerda. É dor. Coitado. Deve ter sido coagido pelo fotógrafo. Olha aí o imbecil, a boca escancarada...

PRIMEIRO ESCAVADOR – Tenha mais respeito. O sujeito cumpriu a missão dele e, se tiver sido um homem bom, honrou a todos nós.

SEGUNDO ESCAVADOR – Lá vem você com essa conversa mole. Não existe esta história de homem bom e homem mau. Só o que existe é o que fazemos e o que deixamos de fazer. Se sobra alguma coisa, isto fica por conta da tagarelice dos desocupados. Tome. Fique com a foto, já que se importa tanto. Aposto que o dono não precisa mais.

Silêncio.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Por que você não foi embora? Digo, por que não foi embora com os outros?

SEGUNDO ESCAVADOR – Sabe, toda vez que olho para esta sujeira, me pergunto a mesma coisa. Toda hora, sinto uma vontade imensa de largar a pá. E não pense que pretendo ser sacana. Também não acho que aqueles caras o foram. Quero dizer, alguns foram.

Vendidos e covardes filhos da puta que merecem uma surra bem dada. Mas é que... Estou cansado. Meus ombros doem, minhas mãos amontoam calos e os pés... Sem falar do medo. O que vamos encontrar enterrado aí embaixo?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Sei como é...

SEGUNDO ESCAVADOR – Se tivéssemos ao menos a certeza do sucesso. Ora, de que vale o esforço quando o terreno é instável? Engulo o choro todas as manhãs e me sinto um nada. A tarefa é grande demais. Também sofro, sabia?

PRIMEIRO ESCAVADOR – E por que fica?

SEGUNDO ESCAVADOR – Como ser de outro jeito? *(Pausa.)* Sempre que já não posso mais e vou para o balde lavar o corpo, fecho os olhos um pouquinho e vejo meus meninos. Então, percebo o quanto ainda preciso acreditar. Por eles. Acreditar que ainda nos resta alguma coisa.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Cava, amigo, cava. Ele tem que estar aí.

Silêncio.

SEGUNDO ESCAVADOR – Já é noite, precisamos parar um pouco.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Não podemos parar. Não agora. Pode ser que chova ou que a terra desmorone ainda mais. Viu o que aconteceu ontem. Falta pouco.

SEGUNDO ESCAVADOR – Faltava pouco de tarde também. Começo a desconfiar de que sempre faltará um pouco. Ora, como pode saber?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Apenas sei.

SEGUNDO ESCAVADOR – “Apenas sei”! Meto esta pá na sua cabeça e acabamos com isto de uma vez. Chega. Não podemos cavar de noite. Não enxergo um palmo à frente do nariz e, por conta disto, o perigo nunca esteve tão próximo.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Tenho querosene aqui. Podemos improvisar um lampião. Dê-me esta calça, bastará um trapo dela. Pronto. Coloque aqui dentro deste frasco... Me diz, sabe fazer fogo?

SEGUNDO ESCAVADOR – Que pergunta idiota. É claro que não.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Nossos ancestrais faziam fogo, não deve ser difícil.

SEGUNDO ESCAVADOR – Estes macacos foram extintos há anos com os dinossauros. Devem ter levado consigo o segredo da chama. Sabe, é bem possível que, se tivessem existido hoje, estes homens de “neandeo-não-sei-de-que-merda”, é possível que o fogo não tivesse sido descoberto. Digo isto porque nos acostumamos e nos adaptamos tanto que... Sim, eles também teriam se adaptado ao frio e à noite, então...

PRIMEIRO ESCAVADOR – Quanta besteira. Olhe para você... O seu fedor me diz que os macacos não foram extintos. *(Risadas.)* Ora, não deve ser tão difícil. Veja, duas pedra e uma fagulha. Não precisamos de muito, só uma fagulha e... *(Se agacha, pega duas pedras e esfrega uma na outra. Acende o lampião.)* Aí está, fogo.

SEGUNDO ESCAVADOR – É lindo. Como se uma estrela tivesse pousado na terra... E, ao mesmo tempo, tão frágil e pequenino...

PRIMEIRO ESCAVADOR – Venha, traga suas mãos para perto do frasco. Alivia o incômodo dos calos.

SEGUNDO ESCAVADOR – No que nos transformamos: um ponto na escuridão. Há tanta gente lá fora e quantos estão aqui? Dois? Me sinto só.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Não fique assim. Veja, lá adiante, outros lampiões, lanternas e candeeiros. Veja, meu amigo! Sabem que estamos aqui, torcem por nós. Acreditam.

SEGUNDO ESCAVADOR – Não se iluda. Acenderam porque é noite. Porque acendem todas as noites e nós ainda estamos aqui.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Pode ser... Muito embora ainda goste de pensar que, pelo menos, uma daquelas chamas foi acesa para nós esta noite. E que o dono ou a dona daquela chama cuidará o máximo possível para que o fogo não se abrande. Pelo tempo em que for noite.

SEGUNDO ESCAVADOR – Pode ser... Pegue a pá.

Silêncio.

SEGUNDO ESCAVADOR – Já passa da meia-noite. A chuva vai apagar a chama, minhas botas estão enterradas na lama e não há mais para onde ir. Precisamos voltar ou morreremos aqui.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Não! Não vamos voltar. Morrer? Que seja...

SEGUNDO ESCAVADOR – Tenho mulher e filhos, não posso me dar ao luxo de ser inconsequente! Vou largar a pá. Está me ouvindo? Vou largar a pá!

PRIMEIRO ESCAVADOR – Quem pode obrigá-lo a ficar?

SEGUNDO ESCAVADOR – Quer fazer com que me sinta mal, não é? Isto é muito sujo de sua parte. Não ficarei! Quer me manipular, não é? Diz, desgraçado! Olha para mim e diz.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Vá se quiser.

SEGUNDO ESCAVADOR – Você é um filho da puta, sabe? Um desgraçado, cretino... Não vou entrar no seu jogo, ouviu?

Não vou entrar! Já há desespero demais nesta merda. Se continuar, fico louco.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Vá...

SEGUNDO ESCAVADOR – Chega, por favor. Já não podemos mais. Olha para mim... Olha para mim, porra! Vem comigo. Não vou te deixar aí... Desiste. Quarenta dias. Para! Para! Olha para mim... Ele entenderia... O menininho. Ele nos perdoaria...

PRIMEIRO ESCAVADOR – Vá...

Silêncio.

SEGUNDO ESCAVADOR – Imbecil de merda. Fica com a pá. Aproveita e cava um buraco para o teu corpo. Não, melhor: cava um buraco bem grande e enterra o mundo inteiro. *(Pausa.)* Sabe, você é uma ameaça. Sim, agora vejo. Por isso mandaram suspender a operação. Tanta obstinação só pode significar ameaça. Primeiro, salvar um menino morto... Depois, que vai querer? Mudar o mundo? Você é mau, sabe? Muito mau. Posa de santo e essa sua loucura, ou sabe-se lá o que, faz com que sejamos mais rasteiros do que este monte de merda. Para o diabo com você e o seu garoto. *(Pausa.)* Espero que ele esteja morto. Pois é. Morto. Seria bom para você aprender. Ficar aí e chorar diante da surpresa velha. *(Pausa.)* Vou para casa e serei muito mais digno. Salvarei meus meninos vivos. Farei com que se sintam bem enquanto ainda respiram e pelo tempo que respirarem. Vai... Cresce e arruma uma família.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Vá.

Silêncio. O Segundo Escavador sai de cena. O Primeiro Escavador vai até o buraco.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Estou aqui, ouviu? Não desanime, a chuva vai passar, mas enquanto ela cair, aproveita a água. Estamos quase lá, não se preocupe. Quem sabe, devêssemos conversar um

pouco? Sim. Assim não haveria meio do silêncio instigar o medo e, desta forma, você teria a certeza de que continuo aqui, escavando. Bem... O que posso lhe falar de reconfortante? Não sou engraçado, sabe? Não consigo ser. Aquele meu amigo, ele... Talvez esteja interessado nas notícias do mundo aqui fora, afinal, quarenta dias de isolamento é mesmo muita coisa. Por onde começar? Ah! Acho que gostará de saber que estamos vencendo a guerra. Sim! E também, agora as pessoas estão reconstruindo suas vidas. Todo mundo junto. E... Desculpe, estou mentindo. Acho que é melhor mesmo lhe contar a verdade, afinal, um dia, sairá desta caverna e verá com seus próprios olhos e tudo será ainda mais frustrante e doloroso. Pois bem... Já que é assim... Esta guerra parece que nunca vai acabar e nós já estamos perdendo a força. O que mais me intriga é que o nosso inimigo está em quase todos os lugares, em todos os países e tem os mais diversificados rostos. Faz com que vejamos os nossos amigos da maneira mais odiosa e nos afasta uns dos outros. Quando olho para frente, a sensação que tenho, a cada dia, é que estamos mais longe do recomeço. Perspectiva arrasadora, eu sei. Mas é que todo processo demora um pouco, entende? Penso que, enquanto alguém ainda estiver lá, dizendo e se opondo e propondo... Ah! Não estamos habituados, é isto. Eu acho. Mas há muito que... *(Pausa.)* Sabe, vai acontecer. Ou destruímos de vez isto aqui ou... um braço... um braço... um braço! Espere! Estou indo.

Corre para o outro lado do buraco. Afunda no monte de entulho. O Segundo Escavador entra em cena.

SEGUNDO ESCAVADOR – Desistiu? Sabia que não ia suportar ficar só. Vim porque lembrei que a pá não era minha. O dono vai querer de volta, sabe como é... Ouviu? Ei! *(Pausa.)* Ei! *(Pausa.)* Sabem que estamos aqui. É perigoso. Disseram-me que vão interditar o lugar. Vem comigo. *(Pausa.)* Sem brincadeira, porra. Acabou, vamos.

Silêncio.

SEGUNDO ESCAVADOR – Que merda. Este filho da puta foi... Minha nossa! *(Começa a escavar com as mãos.)* Eu disse para vir comigo! Falei tanto que... Que merda! Está me ouvindo?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Você voltou?

SEGUNDO ESCAVADOR – Você acha? Presta atenção. Vou cavar um pouco mais e assim... Puxo sua mão, está bem?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Não vai ser fácil, acho que quebrei a perna e... São apenas alguns ossos. Mas, ouça, também achei o menino!

SEGUNDO ESCAVADOR – O quê?

PRIMEIRO ESCAVADOR – O menino. Achei o menino. O bracinho dele... Olhe para sua esquerda.

SEGUNDO ESCAVADOR – Sim, estou vendo! Você é um miserável sortudo.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Você acha? Bem... Salva o garoto.

SEGUNDO ESCAVADOR – Não temos tempo. Chegarão em meia hora, não mais. Me dê a mão. Ora, mas por que está fazendo isto? Vamos.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Eu prometi à mãe.

SEGUNDO ESCAVADOR – Esqueça esta maldita promessa. Vamos. Me dê a mão!

PRIMEIRO ESCAVADOR – Salva o garoto.

SEGUNDO ESCAVADOR – Desgraçado! *(Pega a pá e corre para o buraco. Cava depressa. Retira uma criança do buraco.)* Oh... É. É. É uma menina, ouviu? Uma menina! Minha nossa... Ela está respirando. Ela está respirando. Seu cretino milagreiro.

É uma menina... E como é linda. É linda. Uma menina.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Oh... Leve-a daqui. Rápido. Ela precisa de ajuda.

SEGUNDO ESCAVADOR – Não posso.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Vá. Não temos muito tempo. Ela precisa de água e de comida. Está morrendo. Vai... Mas, antes de ir, acende o lampião e deixa aí, onde eu possa vê-lo.

SEGUNDO ESCAVADOR – Não, não posso. Sabe que, se eu for, não me deixarão voltar. Ora! Arriscou-se pela menina, por que não podemos nos arriscar por você?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Porque esta história é feita por homens como você, não por homens como eu.

Silêncio.

SEGUNDO ESCAVADOR – O que está dizendo?

PRIMEIRO ESCAVADOR – Sabe bem o que digo. Em seu peito bate um coração, ora forte, ora fraco, e é assim que ele deve ser. Nem bom, nem mau. Apenas fazendo e desfazendo. Agora vai e deixa meu lampião.

SEGUNDO ESCAVADOR – Você é um cretino, sabia? Um cretino odioso.

PRIMEIRO ESCAVADOR – Se quiser lembrar de mim, pega a carteira, está aí, em algum lugar. Vazia. Só papel, nenhum dinheiro. Talvez encontre meus documentos e alguma foto. Não precisarei mais dela.

Silêncio.

SEGUNDO ESCAVADOR – Aqui está o lampião.

PRIMEIRO ESCAVADOR – É como uma estrela que pousou na terra. Debaixo, para mim, parece que ela voltou para o céu. Vá agora.

O segundo escavador sai de cena com a criança. As luzes diminuem e se apagam uma a uma. O lampião deve ser a última de todas elas.

FIM

SOBRE CORDEIROS, NAVALHAS E DENTES-DE-LEÃO

PERSONAGENS

BÁRBARA
JORGE
LÚCIA
CARLOS
"/ " Indica sobreposição de diálogos.

ATO I

Com a cena ainda às escuras, ouve-se a terrível gargalhada de Bárbara. As luzes então se acendem gradualmente. A primeira delas ilumina um retrato, uma fotografia – a imagem de um homem robusto, mas sem brilho – inscrita em uma moldura larga, e pendurada na parede que se estende pela direita alta. Um pouco para a esquerda do centro desta parede nasce uma pesada escada de madeira – da qual só se vê alguns degraus. A escada dá para o hall intimo da casa onde se localiza a entrada para os quartos. A porta da casa não se vê, ela está escondida por um corredor que alcança a grande sala pela direita baixa. Vê-se uma mesa retangular com cinco cadeiras. Quatro delas compõem um conjunto. A quinta, todavia, disposta na cabeceira da mesa, é uma velha poltrona reclinável de barbeiro. Uma poltrona surrada, com apoio para cabeça e pés. No canto da sala, junto à parede a esquerda, uma porta que dá para cozinha, um par de janelas, um armário com portas de vidro

e recheado de bonequinhas de porcelana pintadas à mão, dois jarros de vidro, um com lírios e o outro com dentes-de-leão. Perto da mesa e, mais ao centro, há ainda uma poltrona remendada e um aparador. Sobre o aparador, um cinzeiro, uma caixa de charutos, guilhotina, palitos de fósforos, um abajur, etc. É o começo da noite. A mesa está posta para o jantar. Carlos, Jorge e Bárbara estão à mesa. Ela ocupa a cadeira de barbeiro.

Entra Lúcia carregando uma bandeja com um carré de cordeiro.

BÁRBARA – Ei, Lúcia! Ei! Lembra-se daquele dia em que você acordou com os olhos tão inchados, mais tão inchados, feito balões que as pálpebras se grudavam e não se abriam e você chorava porque pensava que havia ficado cega ou coisa assim?

LÚCIA – Estavam remelados/, mamãe, e os cílios se colaram uns nos outros.

BÁRBARA – Remelados! Sim, foi isso mesmo... E eu ri e lhe ofereci uma navalha, você se lembra?

JORGE – Não foi bem assim...

BÁRBARA – Foi assim, sim!

JORGE – E nós sabemos que você o fez por brincadeira, Bárbara.

BÁRBARA *(que desconversa.)* – Claro, claro, Jorge. E ela chorou ainda mais, você se lembra, hein? Vamos, me passe a mostarda. Gritava, "mamãe, mamãe, porque uma navalha?", e eu lhe dizia, – você se lembra, Jorge? – "para que enxergue" ou "para que veja", ou alguma coisa parecida, e ela soluçava/ e já tinha vinte e quatro anos!

JORGE *(que a interrompe bruscamente.)* – Vamos jantar?

Silêncio.

CARLOS – Que tal um brinde antes?

BÁRBARA – Um brinde? Hum... Carlos, né? E o que vamos brindar?

CARLOS – Não sei. Só sugeri que brindássemos, por tradição.

BÁRBARA – Essa é boa! O menino tem senso de humor, Jorge!

LÚCIA – Mas assim não tem graça.

CARLOS – Bom, então, vamos brindar... À recuperação de Lúcia! Seu punho parece ótimo. Sim! E ao nosso sucesso, ao sucesso de vocês, a esta casa – uma linda casa. Também, brindemos ao fato de estarmos vivos e felizes. O que acham? Isso é importante, não é não? Um brinde às nossas vidas. Isso. Às vidas que seguem...

LÚCIA *(que ri.)* – Vidas que seguem?

CARLOS – É... porque as vidas param como... *(Ri.)* Hoje, um colega perdeu uma paciente lá no hospital. Que tristeza, meu Deus. Pensamos estar acostumados a ver tantas mortes, mas a verdade... A verdade é que a gente nunca se acostuma.

JORGE – Um brinde!

LÚCIA – Às vidas que seguem!

Bebem.

CARLOS – É tão bom estar entre amigos.

BÁRBARA – *(Enquanto acende o charuto. Para Carlos.)* Sujeitinho alegre... Entusiasmado. *(Pausa.)* Então você é o tal médico?

CARLOS – Enfermeiro.

BÁRBARA – É verdade. Jorge me contou... *(Pausa.)* Por opção? Sim, porque às vezes a gente desiste de uma coisa e vai fazer outra que parece mais fácil. E dizem que isso é muito comum na sua área. *(Bárbara traga demoradamente.)* Você não se importa que eu fume, né? Claro que não. Afinal, esta é minha casa e, bom, se eu não puder fumar em minha própria casa, é porque já não mando em nada, nem em mim mesma. Em todo caso, aqui as coisas não são assim. Eu fumo e pronto! *(Aponta as flores.)* Você que trouxe?

CARLOS – Os lírios.

LÚCIA *(que se adianta.)* – E um vinho também. Chileno, mamãe!

CARLOS – Só um agrado.

BÁRBARA – Lírios. Favoritas de Jorge.

LÚCIA – Minhas também.

BÁRBARA *(Para Lúcia.)* – Não diga! Nem sabia que você gostava de flores. *(Pausa.)* O que é isso aí na travessa? O que o seu tio andou aprontando na cozinha, hein Lúcia? Tô com fome.

LÚCIA – Cordeiro.

BÁRBARA – Cordeiro, Jorge? Hum... Aquele cordeiro que eu comprei?

JORGE – Ele mesmo.

BÁRBARA – E por que o cordeiro que eu comprei?

JORGE – Porque ele já estava na geladeira há semanas e podia estragar.

BÁRBARA – Eu ia cozinhar ele.

JORGE – Me lembro disso.

BÁRBARA – Eu não tive tempo, Jorge. Você sabe que eu trabalho muito.

JORGE – Uhum.

BÁRBARA *(Para Carlos.)* – Eu gosto de cordeiro, sabe... Eu gosto de cordeiros. E aqui na região há criatórios. Uns criatórios ótimos e de vez em quando gosto de comprar um bom pedaço. Me satisfaz comprar um bom pedaço, bem suculento. Ninguém sabe como são assim suculentos, já que o povo daqui é tão ignorante e sem jeito para tudo. Pois é! Não sei como é que criam esses bichos... São uns roceiros imundos, mas o cordeiro é bom. Talvez seja a única coisa que fazem de bom. Isso e o doce na compota. Que maravilha, aquilo lá... Mas eu já não posso comer esses doces porque estou diabética. Uma coisa horrorosa se você quer saber, esse negócio de diabetes. Sou uma mulher doente, sabe?

JORGE – Não, não é.

BÁRBARA – Sou sim! Você acha que não? Mas, sou sim!

JORGE – Não é, Bárbara.

BÁRBARA – Sou, Jorge, e não me irrite! Depois daquela última crise o médico disse que eu não seria mais a mesma e desde então já nem consigo respirar direito. Existe uma coisa aqui, ó. Aqui dentro. Uma coisa que me queima.

JORGE – Ah, é?

BÁRBARA – É! Uma coisa que... E a diabetes, se você quer saber. A diabetes! Mas vocês não me levam a sério. *(Pausa. Para Lúcia.)* Que tipo de cordeiro?

LÚCIA – Como assim?

BÁRBARA – Eu perguntei "que tipo de cordeiro?", ué? Será que foi uma pergunta muito difícil? Só quero saber o modo, o preparo... Ou se vamos comer vivo.

LÚCIA – Ah... É um assado de cordeiro, mamãe.

BÁRBARA – Uuuh... Um assado, é? Na época do velho fazíamos bons assados aqui. Ele sabia preparar um assado como ninguém. Que delícia. Papai ia até o criatório, arranjava o cordeiro mais bonito, escolhia a dedo e esperava o roceiro matar. Trazia a carne ainda pingando, vermelha e fresca. Tinha um cheiro bom... Ah! Era como se ele tivesse caçado, entende? Eu gostava daquilo. Colocava o bichão sobre a pedra e... Uuuh! Era uma delícia. *(Pausa.)* Ah, papai!

LÚCIA – Mais uísque, mamãe?

BÁRBARA – E por que não?

CARLOS *(que aponta para a cadeira de Bárbara.)* – Jorge me disse que ele era Barbeiro. Dos melhores.

BÁRBARA – Imbatível! Um monstro, por assim dizer.

JORGE – Sim, ele era um dos bons. Vivia com minha mãe lá no centro até que Bárbara nasceu e então vieram para cá.

CARLOS – E continuou fazendo barbas aqui?

JORGE – Barbas, bigodes, cabelos. Os clientes vinham de todas as partes e ele os recebia metido em um avental branco, limpo e perfumado. Meu pai tinha boa fama. Era ótimo com a navalha... De uma precisão cirúrgica. *(Aponta pela janela.)* Vê lá, no fundo, um galpão?

CARLOS – Com telhas de cerâmica?

JORGE – Era ali. Minha querida irmã decidiu trancar tudo depois que ele...